

Uma introdução ou a palavra como espaço de construção de sentidos

Neste número da revista *Escrita*, de formas diferentes, observando contextos e usos distintos, a partir de olhares variados, informados por perspectivas teórico-metodológicas diversas, os trabalhos unem-se em um aspecto: aquele que vê na **palavra um espaço de construção de sentidos**. Para fugir de qualquer interpretação mais apressada dessa sentença, inicio esta apresentação pormenorizando as peças que a compõem.

Começo pela **palavra**. A fala, a escrita, o gesto, o corpo, a palavra, enfim, é a grande protagonista das reflexões que se elaboram nesta coletânea de textos. Indissociáveis da conjuntura histórico-social, das semânticas macrossociais, dos aglomerados ideológicos que as circundam, as palavras aqui tecidas, observadas, analisadas, questionadas ocupam a centralidade das proposições. Os presentes estudos observam diferentes problemáticas sociais, históricas e culturais postas em palavra. O exercício é o da metalinguagem: constroem-se palavras que observam outras palavras. A palavra é posta na berlinda. E quem a observa, analisa e questiona – ora mais de perto, ora mais de longe – é sua gêmea (não univitelina), a palavra. Palavras sobre palavras.

A sentença segue à ideia do **espaço**. A palavra é ocupada. Ao chegar à palavra, encontramos um espaço ocupado. Palavra-espaço (não instrumento, não meio, não símbolo; palavra como espaço). Quem ocupa a palavra são vozes, são corpos, são ideias, são crenças, são vidas que a habitam temporariamente. Porque são transitórios seus moradores, a palavra-espaço está sempre em estado de reorganização. Se a visitamos hoje e voltamos amanhã, já é outra sua decoração e ambiência.

Seguimos então ao final da sentença e encontramos a **construção** e o **sentido**. No lugar de um conceito de palavra enquanto elemento representativo de um sentido a ela anterior (lembro-lhes que neguei no parágrafo anterior a palavra-instrumento, a palavra-meio, a palavra-símbolo), lida-se com a palavra como agente operária do sentido – por metonímia das vozes, corpos, ideias, crenças e vidas que nela moram. Com isso, quero dizer que ao sentido chegamos depois de visitar a palavra, não antes.

Sendo assim, conclui-se que o sentido mora na palavra. “Só que não”. Ele não mora lá. Entra-se na casa, encontra-se ali um morador. Ao tentar capturá-lo e prendê-lo ali, ele já saiu. A palavra é uma casa de portas e janelas sempre abertas para o morador sair. E o sentido é nômade. O sentido não mora em palavra alguma; passa por elas. O sentido é errático. Apesar de tantas tentativas de capturá-lo, ele escorre, escapa, não se aprisiona e segue seu destino desapegado de relações monogâmicas com as palavras-espaço. As palavras são moradas temporárias; os sentidos, viajantes sem casa própria.

Com essa licença quase poética, quis dizer que os textos que compõem este número da revista não advogam por interpretações certas, por construções de verdades absolutas. O leitor encontrará produções que apresentam possibilidades interpretativas acerca das relações entre discurso, resistências e territorialidades. São textos que apostam nos deslizamentos dos sentidos, numa certa incapacidade potente – o paradoxo é proposital e me parece adequado – de delimitação precisa dos significados.

É assim que, caminhando por uma trilha já conhecida entre linguistas aplicados e estudiosos do discurso, os trabalhos criam inteligibilidades possíveis sobre as relações entre a prática discursiva e as mais variadas questões de ordem social, histórica e cultural, tais como gênero e sexualidade, educação e política. Nessa perspectiva, o número soma-

se a uma já larga produção na área dos estudos sobre a linguagem que a percebem para além de suas propriedades sistêmicas e formais.

De forma inovadora, os leitores encontrarão, em alguns trabalhos, discussões produtivas acerca da relação discurso-território. Tais textos vão buscar, por caminhos distintos, a arquitetura discursiva que constrói o sentido de alguns territórios, tais como um espaço de convivência estudantil e uma cidade, para citar dois exemplos. Emerge de alguns desses textos um vocabulário que julgo ainda pouco explorado por estudiosos do discurso: “paisagem linguística” e “gramática habitacional” são alguns deles. Trata-se de um exercício conceitual interdisciplinar que entendo ser merecedor de mais atenção em estudos sobre a linguagem.

Além disso, o conjunto de trabalhos se abre a uma discussão atual e bastante presente em grande parte dos contextos sociais: as práticas de resistência. Dada as fricções e os atritos ideológicos, culturais, subjetivos e discursivos tão constitutivos do nosso tempo, avolumam-se as ações denominadas como de resistência. Enfrentadoras de uma proposta de cotidiano que, explícita e implicitamente, nega, exclui, silencia e elimina existências, as ações de resistência estão no cerne das grandes discussões contemporâneas. A literatura acadêmica, já há algum tempo atenta e crítica às dinâmicas de poder que parecem sustentar tais propostas, não se esquivava, mais uma vez, de somar-se ao tecido de vozes que as interpretam e questionam. Este número dá ao leitor mais uma oportunidade de repensar e reelaborar essa discussão de configuração tão atual e urgente.

Um breve olhar sobre os estudos

Numa tentativa de organização dos textos em blocos, estabeleço algumas aproximações que são produto de minha leitura.

Identidades mais diretamente ligadas a noções de pertencimento e não-pertencimento a determinados territórios são o foco de atenção de alguns dos estudos presente nesta coletânea. Marcella Iole da Costa, em seu trabalho, observa discursos sobre o “ser estrangeiro” em Braga, cidade portuguesa, presentes em um website. No artigo, atenta-se à produção de uma memória discursiva sobre a residência de estrangeiros nessa cidade, destacando possibilidades interpretativas para o delineamento de um país mais aberto aos diálogos com o que é estrangeiro. Priscilla Cláudia Pavan de Freitas interessa-se por questões semelhantes. Sua análise do filme *My name is Khan* atenta para os sentidos identitários do “ser muçulmano” no contexto dos Estados Unidos pós-11 de setembro. Ao mesmo tempo que visibiliza a construção de uma identidade muçulmana resistente ao estereótipo do terrorista, a análise da narrativa fílmica advoga pela possibilidade de elaboração de um imaginário relacional contemporâneo mais dialógico e harmonioso entre diferenças culturais. Por um caminho distinto, analisando a questão do (não-)pertencimento a partir da designação de um espaço geográfico, Victor Carreão investiga discrepâncias de posicionamentos em relação à denominação de regiões da cidade de Louveira, no estado de São Paulo. Desalinhamentos observados entre a designação constante nos documentos jurídico-administrativos e aquela validada por moradores da cidade, registrada em discurso de humor veiculado em uma rede social online, levam o pesquisador a perceber possíveis sentidos de resistência, por parte da população, a ações da política pública de urbanização ali presentes.

Espaços simbolicamente marginais de grandes centros urbanos são também tematizados nesta coletânea. Viviane dos Santos Cavalcanti, em seu artigo, analisa práticas discursivas relacionadas a uma escola localizada em área marcada pelo símbolo e pela prática da violência no estado do Rio de Janeiro. Interessada especificamente nos discursos dos docentes da instituição, Cavalcanti procura compreender como são negociadas as ideias de educação e violência em narrativas por eles produzidas. Breno

Botelho Ribeiro também enfoca territórios periféricos. O pesquisador analisa recentes discursos de e sobre políticas públicas de habitação na cidade do Rio de Janeiro relativas ao espaço da favela. Em formato distinto das demais produções, Maria Haddock Lobo entretece memórias e ensaios de análise em um relato narrativo sobre Carlos Eduardo de Albuquerque Maranhão, um habitante e defensor do espaço conhecido como Cracolândia na cidade de São Paulo. A autora constrói uma escrita sensível a respeito da trajetória de Carlos Eduardo (ou “Sarda”, ou “Cadu”, ou “Alemão”, ou “Lixo Humano”) e nos deixa questionamentos inquietantes e potencialmente incômodos sobre as abjeções costuradas nos cotidianos das grandes cidades.

Interessada em questões relativas às identidades de gênero e sexualidade, Flávia Correia Lima Huber Costa observa a construção de sentidos homofóbicos – e também de resistência a eles – em interações entre militares do Exército Brasileiro. Unem-se a este trabalho outros dois também interessados mais diretamente em questões de gênero e sexualidade: Jacqueline Teixeira, em seu artigo, estuda semânticas de gênero presentes no discurso de uma mulher em situação de refúgio na cidade de Boa Vista, em Roraima; Ana Beatriz Oliveira Ribeiro e Kamilla Oliveira do Amaral constroem uma minietnografia, com foco analítico em textos, de em um espaço de convivência estudantil – a sala ocupada por um centro acadêmico universitário – que ressignifica expressões comumente relacionadas às identidades de sexualidade não-hegemônicas.

Os trabalhos de Brizon e Cardoso e Ferreira e Pita aproximam-se do discurso literário. Caroline Brizon e Marília Cardoso enxergam na construção das personagens Policarpo Quaresma e Antônio Conselheiro – elaboradas respectivamente por Lima Barreto e Euclides da Cunha, autores críticos do seu tempo – uma atenção à simbologia da loucura em contraste com uma onda cientificista, racionalista e alinhada à ideia de progresso presente no ideário brasileiro na virada dos séculos XIX-XX. Por sua vez, estabelecendo interseções entre a literatura e a prática escolar, Dina Maria Martins Ferreira e Julianne Rodrigues Pita interessam-se pela persistência de ideários eurocêntricos em aulas de literatura no Brasil. As autoras, através da observação de livros didáticos de literatura, procuram criar entendimentos possíveis para sentidos ainda coloniais no exercício dessa disciplina.

Problemáticas discursivas relacionadas a conflitos contemporâneos de ordem político-partidária também estão sob análise neste número da *Escrita*. Yasmin Barros, Douglas Santos e Liana de Andrade Biar atentam-se a ressemantizações do item “fascista” ocorridas no contexto das eleições brasileiras de 2018, cujo resultado levou Jair Bolsonaro a ocupar o cargo de chefe do poder executivo. Por sua vez, Tarcísio da Silva Nicácio, analisando repercussões do programa *Escola sem partido* no contexto brasileiro, investiga os usos do conceito de “ética” em uma cena social que envolve tal projeto. Observando registros de discursos enunciados por Jair Bolsonaro e Wilson Witzel – atual governador do estado do Rio de Janeiro e, à época das eleições, aliado político de Bolsonaro – em canais midiáticos e em redes sociais online no primeiro estudo, e um caso específico ocorrido em uma cidade do estado de Santa Catarina no segundo, os autores dos dois trabalhos sinalizam as preocupantes aproximações a sentidos de violência e censura na atual conjuntura sociopolítica brasileira.

A edição é finalizada com duas entrevistas. Na primeira, a professora Rosana Kohl Bines aproxima sua área de pesquisa – infância, arte e literatura – à temática proposta pela revista. A docente discute os desafios impostos pela contemporaneidade quando a temática do refúgio e das identidades apátridas estão em jogo. Ademais, fala sobre sua experiência em um projeto da PUC-Rio na cidade de Boa Vista, em Roraima, com refugiados vindos da Venezuela. Em seguida, apresenta-se a entrevista realizada com Carolina Moulin Aguiar. A professora historiciza recentes processos de migração e

refúgio e fala sobre sua experiência universitária com essa temática. Além disso, sinaliza referências importantes para uma crítica aproximação bibliográfica ao assunto.

Palavra. Re-existência.

Se de alguma forma, entendemos que ao dizer palavras estamos agindo no mundo, percebo neste número da *Escrita* uma ação que resiste a interpretações rápidas sobre o mundo social, a proposições rasas sobre a experiência da vida, a sentidos fundamentalistas sobre as relações humanas. Penso que os textos aqui presentes resistem e, de certo modo, fomentam resistências. Resistir é um verbo que pode conotar um estado de permanência. Há resistência porque se teima em ficar, em dizer, em viver. Talvez seja exatamente isso o que as pessoas que resistem fazem: elas teimam em permanecer. A cada palavra que dizem e que inspiram dizer, elas resistem, permanecem e re-existem. Resistir é ação que faz re-existir. Resistir para existir de novo. Em cada palavra, em cada memória, em cada afeto, em cada luta, existir de novo. A(r)memo-nos de palavras, de memórias, de afetos e lutemos. Teimemos em dizer. Teimemos em re-existir. Bendita seja essa teimosia. Bendita seja essa nossa teimosia. Pela palavra! Pela re-existência!